

15 anos de intervenção arqueológica em Garvão

Teresa Ricou Nunes da Ponte

RESUMO

Pretende-se neste artigo divulgar o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pela autora no âmbito de projectos de investigação, no sítio arqueológico de Garvão (Ourique). Os trabalhos contaram com a participação de inúmeros voluntários, amigos e profissionais, entre os quais destaco Carolina Grilo, Edgar Lopes, Eduardo Porfírio, Miguel Serra, Jorge Vilhena, Isabel Vilhena,

Amadeu Silva, Patrícia Vargas, Carlos Contreiras, Sandra Ruivo, Ângela Ferreira, Miguel Correia e Luís Fialho, entre muitos outros que infelizmente não cabem neste resumo. São também apresentados alguns dados respeitantes às ocupações mais relevantes identificadas no povoado de Garvão. Por último faz-se um balanço e traçam-se perspectivas de investigação futuras.

ABSTRACT

This article is intended to disseminate the work that has been developed by the author as part of research projects at the archaeological site of Garvão (Ourique). The work involved the participation of many volunteers, friends and professionals, among which I would emphasize Carolina Grilo (and family), Edgar Lopes, Eduardo Porfírio, Miguel Serra, Jorge Vilhena, Isabel Vilhena (and family), Amadeu Silva, Patrícia Vargas,

Carlos Contreiras, Sandra Ruivo, Angela Ferreira, Miguel Correia, Rafael Ortiz Temprado e Luís Fialho among many others that unfortunately do not fit in this summary. We also present some data concerning the most relevant occupations identified in the village of Garvão. Finally it is a balance and draw up for future research perspectives.

INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico de Garvão (CMP 546) localiza-se no concelho de Ourique, distrito de Beja, com as seguintes coordenadas UTM: Lat.37°42'20'', Long.8°20'40''; no topo de um cerro amesetado, em duas plataformas (Cerro do Forte e Cerca do Adro) de um mesmo acidente geográfico, cujo relevo original se

encontra muito alterado, devido ao facto do local ter sido ao longo dos séculos, sucessivamente reocupado. Trata-se de um cerro amesetado na confluência de duas ribeiras: povoado em topo de espigão fluvial (tipo III de Berrocal Rangel: 1992), com um bom controlo visual sobre o território envolvente a Oeste.

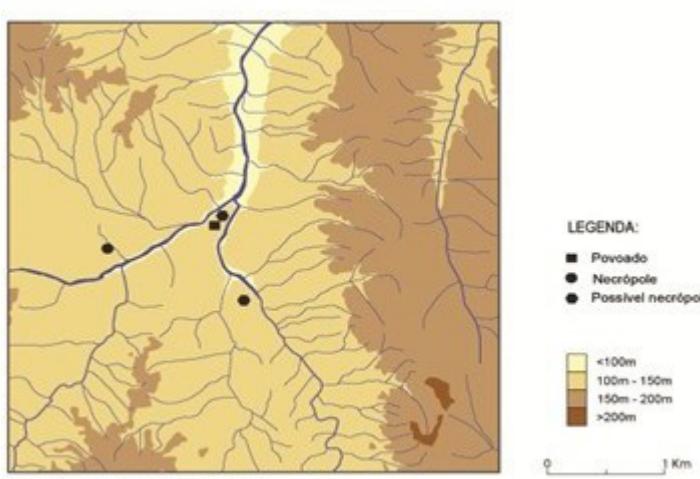


Fig. 1: Localização de Garvão

RESENHA HISTÓRICA

As primeiras referências à existência de um sítio arqueológico em Garvão datam da década de 60 e dizem respeito à identificação de Garvão com o *oppidum stipendiarium* de *Arandis* referido por Plínio (*apud* Guerra, 1995: 96) ou *Arannis* (ITIN. Anton. Aug. 426.2), sublinhando Mário de Saa (1956-67:192) a sua relevância em período romano posteriormente reiterada por Abel Viana (Viana, 1960: 215). A identificação em Garvão de uma ocupação da Idade do Ferro acontece, de forma

casual, via o achado fortuito de uma fossa escavado no substrato geológico, na vertente Este do cerro, repleta de milhares de recipientes cerâmicos, detectados durante a realização de obras de saneamento básico na encosta leste do designado Cerro do Castelo ou Cerro do Forte, o importante depósito votivo, (*bouthros*), estará relacionado com a existência de um possível templo, que se postula existir, no topo do Cerro do Forte, área da acrópole do povoado da Idade do Ferro (Hipólito Correia, 1996).

A escavação arqueológica de emergência, da autoria dos Serviços de Arqueologia da Zona Sul, de 1981, revelou tratar-se de um conjunto votivo amortizado em finais do século III, inícios do II a. C, em fossa aberta no geológico, em local previamente sacrificado via um sacrifício humano. A Cultura material e o tipo de culto, inferido a partir desta estrutura religiosa, permite descortinar uma aparente matriz dual: associando influências mediterrâneas e outras de cariz mais continental. O depósito votivo, situado a meia encosta foi construído abrindo uma fossa, de formato ovalado, no substrato rochoso, preenchida com inúmeros contentores cerâmicos, empilhados, em cujo interior se encaixaram tigelas e copos (entre outras formas), perfeitamente acondicionados, ao espaço existente, demonstrando que os construtores do espaço tinham a perfeita noção da quantidade de ex-votos a amortizar. Entre os ex-votos saliente-se a recolha de objectos metálicos, placas oculadas em metais preciosos, objectos em vidro e *alabastron* entre outros (Beirão, Silva, Soares, Gomes, 1985). Previamente à deposição dos ex-votos documentou-se na base do depósito um crânio de um indivíduo de sexo feminino, com vestígios de ter sofrido uma pancada que lhe terá provocado a morte, possível sacrifício fundacional (Beirão, Silva, Soares, Gomes, 1985). Nesta data é ainda realizada uma sondagem no topo do Cerro do Castelo, a qual permite classificar como islâmica uma estrutura de aspecto imponente, implantada no topo na vertente

Oeste do cerro, e o reconhecimento pela primeira vez (ainda que os materiais nunca tenham sido publicados) de uma ocupação do Bronze Final neste sítio (Beirão *et al.* 1985). A comprovação da extensão do povoado de Garvão à plataforma inferior ao cerro vizinho da Cerca do Adro acontece em 1991, com a tentativa, gorada, da câmara municipal de Ourique de urbanizar o local e com o arranjo do Adro da igreja matriz de Garvão. Durante estas intervenções são detectados novos vestígios que motivaram duas intervenções de emergência conduzidas por Susana Correia e Caetano Beirão. Os autores escavaram um tramo de um sólido e potente muro, com 1,10 m de largura, orientado S-N, interpretado como muralha ou muro de contenção de terras (Correia, 1995); e vestígio de dois fornos cerâmicos relacionados, de acordo, com os autores da escavação, com a produção cerâmica de abastecimento aos fiéis para a prática do culto, ilustrado pela presença do depósito votivo no Cerro do Forte (Correia, 1995).

Em 1995 e 1996 Teresa Ricou e Jorge Vilhena, a convite de Rui Parreira, (na altura técnico do antigo IPPC), são chamados a intervir no local, procurando responder às questões deixadas em aberto pelas antigas escavações de 1991 na Cerca do Adro. Os trabalhos desenvolvidos, ao longo de dois anos, contaram inicialmente com o apoio do IPPC, de uma Associação Local de Defesa do Património e da Câmara Municipal de Ourique.

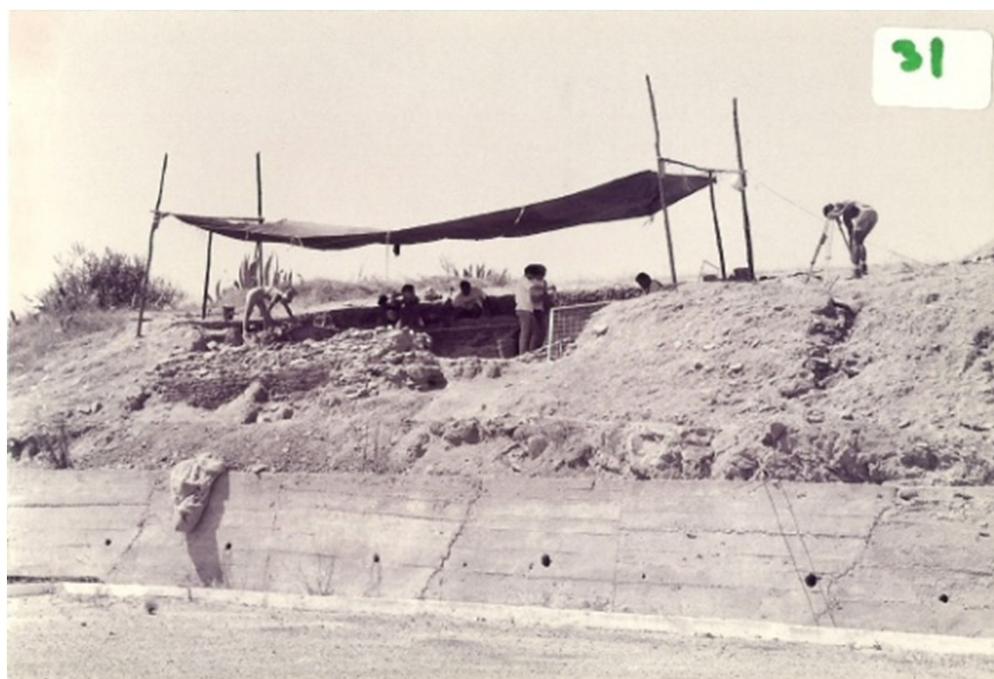


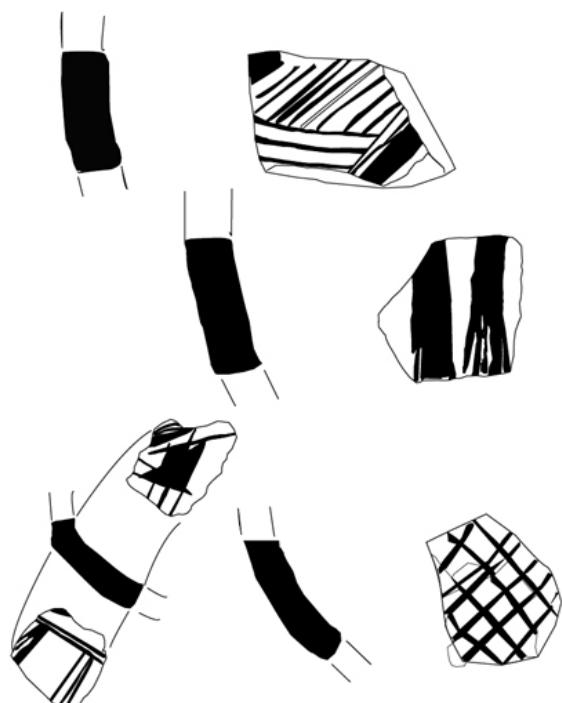
Fig. 2: Cerca do Adro 1996.

Os principais objectivos das campanhas de 1995 e 1996 foram os seguintes: apreender a funcionalidade e cronologia das estruturas identificadas em 1991 e averiguar, via a abertura de uma segunda sondagem, no topo do cabeço, se um extenso talude, paralelo à grande depressão existente no local e popularmente conhecida como Furadouro, pertenceria ou não a um pano de muralha da Idade do Ferro. Quanto ao primeiro objectivo das intervenções de 95/96, a continuação da escavação das estruturas parcialmente escavadas em 1991, conduziu à identificação de contextos habitacionais do período islâmico (com várias fases de remodelação, correspondentes a distintos momentos cronológicos), assim como do período medieval/moderno. Por outro lado, o decorrer dos trabalhos de escavação, pôs ainda a descoberto um segundo muro, paralelo à estrutura já referida, (identificada na década de 90), cuja técnica de construção e aparelho semelhante permitiu supor que ambos corresponderiam a uma mesma realidade construtiva. No entanto, a confirmação desta hipótese, apenas aconteceu durante as escavações de 2000, já ao abrigo do primeiro PNTA conduzido pela autora. Quanto ao segundo objectivo de 95/96, a certeza de que o talude visível no terreno correspondia a um tramo de muralha foi obtida nesse período via a abertura de uma sondagem no topo do cerro que abarcava a área de implantação do talude. «Infelizmente» a detecção de uma

necrópole de época moderna, com grande densidade de enterramentos, rompendo inclusivamente o recheio da muralha, com os acrescidos custos e constrangimentos temporais que a sua detecção e escavação acarretou, frustrou os nossos intentos e dificultou a progressão dos trabalhos em profundidade, levando a que não se atingissem os níveis de ocupação relacionados com a cronologia de construção/funcionamento da estrutura defensiva (Vilhena, Nunes da Ponte, 1995).

Em 1998-2002/03 esteve em vigor, para o estudo do sítio, um primeiro projecto de investigação plurianual aprovado e subsidiado pelo extinto IPA (Instituto Português de Arqueologia), intitulado «Urbanização e Romanização no *Conventus Pacensis*: o caso de Garvão» e com 2 candidaturas efectuadas e aprovadas no âmbito dos projectos *Leader* e *Leader + Al Sud* designados «Escavações Arqueológicas em Garvão» (2000) e «Património Arqueológico em Garvão, um recurso de Desenvolvimento Local», 2002-2003, cuja entidade gestora foi o *Esdime - Agência para o Desenvolvimento do Alentejo Sudoeste* em parceria com a Associação Degebe. O projecto compreendeu dois objectivos primários: estudo do povoado (diacronia de ocupação, planta e funcionalidade das estruturas descobertas) permitindo um diagnóstico dos diferentes contextos ocupacionais do sítio e do seu estado de conservação e o estudo do território envolvente, que motivou a realização de três curtas campanhas de prospecção sistemática e dirigida no concelho (1998/99/02), com um total de 74 novos sítios inventariados de diversos períodos, destacando-se entre estes a Pré-História e o período romano com 27 novos sítios identificados entre *villas*, casais, pequenos sítios e necrópoles (Nunes da Ponte, 1999, 2000 e 2001).

Apesar dos trabalhos de prospecção referidos, e por vicissitudes várias, apenas em 2000 se retomam as escavações arqueológicas em Garvão intervindo-se simultaneamente nas duas plataformas do povoado: Cerro do Forte e Cerca do Adro. As intervenções efectuadas permitiram o reconhecimento da excepcional diacronia da ocupação na zona do Cerro do Forte, estendendo-se desde o Bronze Final até aos séculos XIV/XV.



Cerro do Forte, Cerâmica de Ornatos Brunidos, descontextualizada, campanha de 2000.

Fig. 3: Cerro do Forte, ornatos brunidos

Foram objectivos: atribuir cronologia e funcionalidade segura às estruturas colocadas a descoberto por escavação clandestina em 1981, realizar um primeiro diagnóstico da diacronia de ocupação da plataforma superior e aferir do grau de preservação dos distintos contextos arqueológicos a identificar. Neste local a área aberta de escavação foi de 128 m², com profundidades na ordem dos 2 m não se tendo atingido em nenhuma quadrícula o substrato geológico. Como principais resultados desta campanha destaco: a atribuição de cronologia e funcionalidade segura à estrutura existente no topo do cerro: trata-se de uma estrutura defensiva do período Almóada. Registe-se ainda a escavação de níveis e estruturas preservadas desde o período Moderno até aos séculos IX-X a. C e a escavação parcial de um conjunto residencial árabe desmontado com a reformulação/construção de um sistema defensivo em período Almóada. A escavação permitiu documentar a ocupação islâmica do sítio, iniciando-se em meados do século IX-X e atingindo o auge no período Almóada momento em que se verifica, na área escavada, o abandono de habitações e a construção de uma estrutura defensiva de aspecto imponente. No Pós-reconquista o sítio continua a ser ocupado, tudo indicando todavia que a fortificação Almóada teria sido desactivada. Destaque-se ainda a identificação de contextos e bolsas, sem estruturas associadas, de níveis pré-romanos, republicanos e alti – imperiais.

Na Cerca do Adro retomam-se os trabalhos de escavação e confirmam-se que ambas as estruturas anteriormente postas a descoberto pertencem à mesma realidade construtiva, configurando um compartimento. Nos alargamentos efectuados continuam-se a escavar novas fases de ocupação islâmica de cariz habitacional. A opção tomada neste momento implicou a conservação destes níveis até que existam meios financeiros que possam suportar intervenções em área e permitir avaliar na totalidade o estado de conservação e relevância patrimonial dos testemunhos, em questão. Saliente-se que os contextos aqui escavados são coetâneos dos níveis islâmicos detectados no Cerro do Forte e demonstram a pujante e florescente ocupação deste período.

Na restante área surge novo troço de muralha, orientado E-O, ao compartimento detectado. Neste momento tudo indica que o novo tramo de muralha se encontrava já desactivado em período Islâmico. Todavia dado o já referido e permanente constrangimento de

meios financeiros e temporais não é escavado na sua totalidade até se atingirem os níveis de construção e funcionamento da muralha.

Para além das intervenções realizadas ao abrigo do PNTA mencionado, efectuaram-se ainda 3 intervenções de arqueologia preventiva, no casco histórico de Garvão em distintos pontos da vila: a primeira junto à Igreja Matriz de Garvão, a segunda contígua ao Depósito Votivo na Rua do Castelo e a terceira na Rua da Oliveira, em leito de cheias da Ribeira de Garvão. No total abrangendo o povoado da Idade do Ferro efectuaram-se intervenções em 6 zonas distintas, da responsabilidade de Teresa Ricou. Em 3 zonas efectuaram-se sondagens pontuais, de diagnóstico. Na Cerca do Adro e posteriormente no Cerro do Forte escavação em área desde 1995 até 2003.

Em 4 desses pontos intervencionados recolheram-se materiais descontextualizados do Bronze Final/ Idade do Ferro (Cerro do Forte, Rua da Igreja, Rua do Castelo). Em dois escavaram-se níveis contextualizados da Idade do Ferro. São eles a Rua da Oliveira e a Cerca do Adro.

RUA DA OLIVEIRA

Os trabalhos efectuados na Rua da Oliveira prenderam-se com uma remodelação da habitação que iria implicar a mobilização do sub-solo, implantada na encosta Leste do imóvel classificado como de interesse público, do povoado do Cerro do Castelo ou Cerro do Forte. A rua localiza-se na encosta Leste do Cerro do Forte, abaixo do patamar de implantação do DVG.

Em um compartimento da habitação, que se pretendia rebaixar, efectuou-se, de acordo, com o parecer das entidades competentes, uma sondagem de diagnóstico com 2,5 m x 2 m. A 2,50 m de profundidade surgiu uma estrutura, de difícil interpretação, dada a reduzida área escavada, que recebeu o n.º de u.e. [010]. Trata-se de um empedrado em xisto e quartzo, com blocos de pequena e média dimensão que ocupa toda a área da sondagem. Algum do material de construção da estrutura apresentava indícios de ter sido submetido a um aumento brusco e violento da temperatura, em um processo de combustão com algumas das pedras vitrificadas, o mesmo sucedendo aos fragmentos de barro e adobe recolhidos durante a intervenção. Em termos de cotas de preservação da estrutura, esta

possuía uma diferença de 0, 30 cm entre o limite Norte e o limite Sul da sondagem. Dadas as características da intervenção e dimensão da divisão a rebaixar, não pudemos alargar área de forma a apreender a planta. Como tal não conseguimos identificar uma funcionalidade precisa, apenas equacionar algumas hipóteses. A estrutura constituída por um empedrado em xisto grauváquico e blocos de quartzo cuidadosamente dispostos, assemelhava-se ao recheio de uma estrutura de grandes dimensões, uma eventual muralha? No seu miolo recolheram-se fragmentos de barro com negativos de palhinhas e fragmentos de adobe. Estes vestígios, também, poderiam fazer supor que o achado pertenceria a um pavimento de uma eventual cabana. Todavia dada a irregularidade da estrutura conservada e as correspondentes oscilações de cotas, bastante elevadas e pouco consentâneas com a interpretação da estrutura como pavimento ou espaço de circulação, a hipótese foi excluída.

Registe-se ainda que alguns elementos construtivos, ao terem sido submetidos a um processo violento de combustão, vitrificaram, sem que contudo no registo arqueológico existam evidências de uma combustão em larga escala. Assim, em face do observado, a hipótese de nesta zona ou nas imediações se efectuarem trabalhos de metalurgia não será de descartar, pois entre o espólio recolhido constam fragmentos de escória de fundição muito lixiviada. *A aceitarmos uma cronologia do Bronze Final para esta construção a presença de escória de ferro em contextos deste período, tem vindo a ser encarada sobre novas perspectivas, uma vez que a presença de artefactos de ferro, em contextos do Bronze Final é hoje uma realidade, surgindo na Beira*

Baixa associada a datações de C14 (Vilaça, 2004). Também a recolha de fragmentos de adobe vitrificado, passível de ser utilizado para a construção de fornos de fundição de metal poderá ser um indicador nesse sentido. No povoado da Idade do Bronze de Transtéjon (Huelva), detectou-se em uma plataforma inferior do povoado, uma área funcional relacionada com actividades metalúrgicas. Relevante para a identificação do local, como uma área relacionada com a metalurgia, destaca-se a associação: adobe, escória de fundição e utensilagem lítica (Hurtado, et ali 1994, 250-251). A mesma associação é passível de ser efectuada neste local, pois provenientes da u.e. [008], mas sobretudo u.e. [009] recolheram-se alguns fragmentos ilustrativos do talhe de instrumentos e utensílios em quartzo, bem como restos de escória muito lixivada. No entanto, ao invés de estarem necessariamente associados a trabalhos de fundição de metal, como se verifica no sítio acima mencionado (Hurtado, et ali 1994, 250-251), poderão ser simplesmente interpretados como um arcaísmo. Também nos povoados do Passo Alto e da Misericórdia em Serpa, as evidências de pedras vitrificadas são interpretadas como estando relacionadas com a prática de actividades metalúrgicas no local, designadamente com a ustulação de minérios (Soares, 1986:97).

No estádio actual dos conhecimentos é difícil atribuir alguma função concreta ou interpretação à estrutura em questão.

Em termos de estratigrafia destacam-se as duas u.e.s que imediatamente se sobreponham à dita estrutura u.e.s [008 e 009] que apresentam corresponder a níveis preservados da Idade do Ferro.



Fig. 4: Rua da Oliveira.

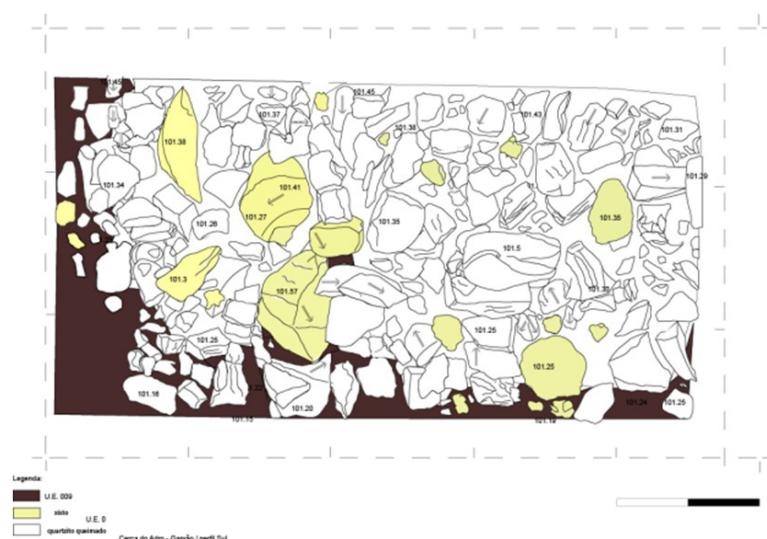


Fig. 5: Rua da Oliveira – plano final

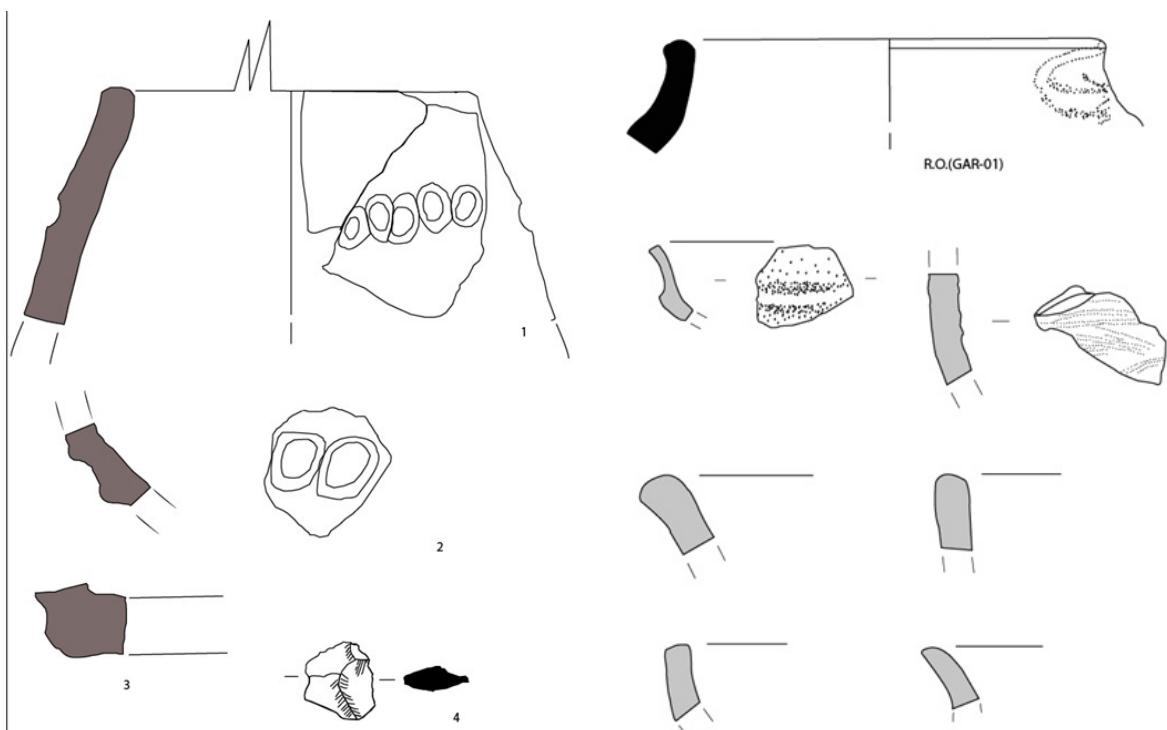


Fig 6: Rua Oliveira Materiais u.e. [008]

São constituídas por sedimentos argilosos, plásticos, de cor castanho - avermelhado. A u.e. [008] o estrato de maior potência estratigráfica, derivou da acumulação gradual de sedimentos argilosos, muito homogéneos, sendo o seu carácter selado confirmado pela ausência, nos estratos que a precedem de espólio passível de se enquadrar no mesmo horizonte cultural, que o espólio aqui recolhido. Entre o espólio sublinhem-se os achados cerâmicos destacando-se as cerâmicas manuais com 95% no total dos fragmentos cerâmicos recolhidos e apenas 5% de cerâmicas a torno, maioritariamente com cozeduras redutoras, mas também redutoras oxidantes e superfícies polidas, brunidas e/ou espatuladas, por vezes ainda com tratamentos a *cepillo*. Recolheram-se ainda fragmentos informes de cerâmica manual pintada na superfície interna e externa, de cor vermelho vinoso e um curioso fragmento de um pote efectuado a torno e decorado com ornatos brunidos na superfície externa. Associavam-se fragmentos de recipientes de cozinha de fabrico manual decorados com impressões unguiladas, um fragmento de taça carenada de cerâmica cinzenta, onde o extremo cuidado colocado no tratamento das superfícies externas, parece imitar o brilho de eventuais protótipos na baixela metálica. Registe-se a presença de nódulos de barro, fragmentos ósseos, escória lixiviada e

um utensílio lítico. Por comparação com a u.e. anterior, na U.E. [009] verifica-se uma maior rarefação do material cerâmico recolhido articulando-se com um aumento do número de vestígios de indústria lítica, juntamente com fragmentos de escória muito lixiviada.

ANÁLISE DO ESPÓLIO

Sublinhe-se a presença de cerâmicas *cepilladas* no conjunto cerâmico exumado. Este tratamento de superfícies com origem no Bronze Final surge frequentemente associado a cerâmicas de retícula brunida (ARRUDA, 2000: 6-176), sendo reconhecida também na área meridional da Península Ibérica em contextos da Idade do Ferro, tanto na Andaluzia como, por exemplo, nos níveis 26 a 20 do Cerro Macareno, bem como na Extremadura Espanhola, nomeadamente em Medellín. Em Portugal surge ainda em Alcácer do Sal, em Setúbal e Santarém (ARRUDA, 2000: 6-176). Em Santarém as cerâmicas *cepilladas* são muito abundantes nos estratos inferiores, diminuindo nos níveis médios, desaparecendo por completo nos estratos superiores da Idade do Ferro «*tudo indica pois que, também aqui se verifica o esquema evolutivo observado na Andaluzia e Extremadura Espanhola, onde as cerâmicas com estas*

características desaparecem dos inventários a partir do séc. VI a.C.» (ARRUDA, 2000: 177).

No conjunto destaca-se também a presença de cerâmica manual digitada sobre o bojo. A presença de decoração digitada aplicada sobre o bojo encontra-se atestada em contextos do Final da Idade do Bronze na Beira Baixa ainda que não seja propriamente frequente (Vilaça, 1995, p. 281). Mais a Sul, em contextos crono-culturais semelhantes, a ausência de boas estratigrafias e a escassez de trabalhos impede que se afirme ou rejeite a sua presença, tendo sido no entanto identificada no conjunto de materiais provenientes das escavações dirigidas por Afonso do Paço no Castelo Giraldo, Évora (Mataloto, 1999, p. 344). A sua presença regista-se, ainda, em povoados do Bronze Final do Alentejo Central, nomeadamente na Rocha do Vigio 2 (Calado, Mataloto, 2008: 190). Por outro lado, ao invés da sua aparente escassez em estratos claramente do final da Idade do Bronze, surge abundantemente nos contextos do início da Idade do Ferro de todo o sudeste peninsular, podendo mesmo afirmar-se que constitui um dos tipos cerâmicos mais característicos deste momento (Ladrón de Guevara, 1994; Ruiz Mata, 1995, p. 279). Na Andaluzia, onde este motivo decorativo é bastante frequente parece a sua cronologia oscilar entre meados/finais do séc. VIII a.C e finais do séc. VI tendo conhecido um momento de apogeu no séc. VII a.C (Calado, Mataloto, 2008: 191). Na região encontramos alguns dos paralelos mais próximos dos fragmentos decorados com ungulações, por exemplo, na reutilização da *Tholos* da Nora Velha (Ourique) (VIANA, et al. 1961) em um recipiente de tipo pote-panela de fabrico manual, ou entre o espólio procedentes do túmulo II da necrópole do Pego (Ourique) (DIAS, et al. 1970: 184), datadas dos inícios da Idade do Ferro pelos autores da escavação. As cronologias tradicionalmente admitidas para a Idade do Ferro naquela zona (BEIRÃO, 1972; BEIRÃO, 1986; BEIRÃO, GOMES, 1980; 1984; BEIRÃO et alii, 1979; CORREIA, 1996) «foram» avançadas em torno ao séc. VI a.C (ARRUDA, 2000: 8-5-8-81; 2001: 281-284), na esfera do mundo do Pós-Orientalizante.

É de realçar a recolha de uma taça carenada em cerâmica cinzenta fina. A cerâmica cinzenta constitui uma família cerâmica que evidencia uma clara diversidade regional, presente na maioria dos contextos sidéricos antigos do Sul peninsular (Calado, Mataloto, 2008: 200). O fragmento exumado de Garvão é uma produção de pasta muito fina, de tonalidade cinzenta

escura. Em termos tipológicos apresenta paralelos junto das tipologias de cerâmicas de engobe vermelho, parecendo imitar as suas formas. Tipologicamente trata-se de um exemplar com uma forte carena de bordo extrovertido e aberto. A forma da taça assemelha-se aos tipos III A e IV A 2 de Castro Marim (Freitas 2005, 35-36). De acordo com a autora, o tipo IV. A mantém-se, durante o século VI a.C., no reportório da cerâmica de engobe vermelho em Huelva, verificando-se algumas alterações, na medida em que o bordo engrossa e as peças deixam de possuir engobe no seu interior (Rufete Tomico, 1988-89, p. 29, 33), ainda no *Castillo de Doña Blanca*, esta forma torna-se escassa em contextos do século VI a.C., apresentando engobes de má qualidade (Idem). Segundo a mesma autora, no Castelo de Alcácer do Sal registou-se a presença, na fase III datada do século VII/VI a.C., de taças carenadas de paredes de tendência recto – côncava, mas sem espessamento de lábio, afigurando-se como uma forma entre os tipos III. A.1 e III.B.2 de Castro Marim (Silva et all., 1980-81, fig. 13); assim como em Abul B, em estratos de finais do século VI a inícios do V a.C. (Idem, Ibidem). Em Castro Marim os únicos exemplares das taças dos tipos III.A. 2 registam-se na fase 3 datada de meados do século VII (Freitas, 2005, 55).

Na Andaluzia, encontramos no Cerro Macareno formas semelhantes em engobe vermelho em níveis dos séculos V-IV (Pellicer Catalán, Escacena Carrasco, Bendala Galán, 1983: fig. 40, 1472, 137; 143 fig. 46, n.º 1299).

Neste arqueossítio encontramos ainda formas semelhantes mas em cerâmica manual cuidada proveniente dos níveis 24 e 25, datados do século VII (Pellicer Catalán, Escacena Carrasco, Bendala Galán, 1983; 159, fig.71, n.º 534) e do nível 26 datado do século VIII a.C, em cerâmica à mão brunida (Idem: 172, fig. 74, 322). No entanto esta forma com carena abrupta não é típica do Cerro Macareno, mas sim do horizonte de Huelva, documentada a partir dos estratos inferiores do Cabelo de São Pedro, perdurando até ao desaparecimento da cerâmica à mão não cuidada de princípios do século VI (Idem: 71)

No Alentejo central encontramos formas aparentadas nos sítios do Monte da Estrada e do Espinhaço de Cão (Calado, Mataloto, 2008:fig. 7 EC peças 22 e 23).

Quanto à cerâmica decorada com motivos - retícula brunida destaca-se por vários motivos: trata-se de uma forma fechada, efectuada a torno e a decoração

foi efectuada na superfície externa do vaso ao invés do habitual, na superfície interna. O próprio motivo empregue não é habitual afastando-se da tradicional retícula brunida e empregando motivos curvilíneos e ramiformes. No Cerro Macareno estes motivos curvos são considerados pelos autores da escavação do século VII (Idem: 72).

Parece certo que estaremos perante um processo e \ ou um período de transição em termos de cultura material, em que lado a lado com tradições e perfis cerâmicos próximos de um Bronze Final, se verificam algumas inovações caracterizadas pela presença de alguns fragmentos cerâmicos a torno, contribuindo para acentuar tal impressão a percentagem de cerâmicas manuais (96%) e certo tipo de decorações de origem forânea caso das decorações com retícula e linhas onduladas brunidas, colocando este contexto próximo dos inícios da Idade do Ferro. Não podemos contudo esquecer dois factores: em primeiro lugar o extremo conservadorismo que alguns dos espólios da região de Ourique apresentam materializado, por exemplo, no povoado de Fernão Vaz (e abstraindo-nos do problema das cronologias) em que lado a lado com algumas importações de cariz mediterrâneo convive um forte apego a tradições locais. Esta assunção é visível, por exemplo, na elevada presença de cerâmicas manuais, reportando-se a grande maioria do espólio recolhido a cerâmicas de fabrico manual (BEIRÃO e CORREIA 1994: 117), com 82,3 % de cerâmica manual e apenas 17,7% de cerâmica a torno recolhidas (BEIRÃO 1986: 117);

em segundo lugar o problema da amostra ser reduzida procedendo de uma única sondagem, não podendo os dados, apesar, do seu interesse para o estudo da jazida, serem generalizados na altura da interpretação do processo cultural do povoado.

As cerâmicas, de origem local regional partilham ainda bastantes características morfológicas e de acabamentos com as cerâmicas do Bronze Final, o que poderá indicar um enquadramento relativamente antigo dentro da Idade do Ferro regional para este contexto que não deverá ser posterior ao século VI a.C.

No momento, os dados apontam para que a ocupação deste período se tenha restringido ao cabeço do Cerro do Forte, uma vez que não se encontraram vestígios materiais passíveis de ser enquadrados neste período na zona da Cerca do Adro. Com que características, tal não podemos precisar. Por outro lado, à falta de dados não sabemos se o povoamento se efectuou, ou não, em solução de continuidade até aos finais da Idade do Ferro, momento em que a ocupação do povoado da Idade do Ferro atinge o seu expoente máximo, estendendo-o povoamento à Cerca do Adro e à margem direita da Ribeira de Garvão, onde foram reconhecidos dois fornos de fundição de metal, na barreira contigua à Casa do Povo de Garvão.

Contudo podemos inferir para este período uma área de ocupação de cerca de 2,5 hc e podemos também afirmar que este tipo de instalação coexiste na zona de Garvão com pequenas instalações de carácter agrícola em planície, detectadas em trabalhos de prospecção.

OCUPAÇÕES DA IDADE DO FERRO RECENTE EM GARVÃO

A ocupação de Garvão, neste período, está bem documentada através da recolha de materiais descontextualizados no Cerro do Forte e da escavação de contextos preservados na plataforma superior do Cerro do Castelo, via a escavação do Depósito Votivo de Garvão amortizado em finais do século III a. C, datação inferida a partir do aparecimento no depósito de uma hemidracma de prata batido em Gades (Beirão *et al.* 1985, p. 91 n.º 81). A sua vida “útil” como ex-voto pode, no entanto, ter sido um pouco mais alongada mas, o fecho do depósito não terá ocorrido para além da primeira metade do séc. II a.C. (Beirão *et al.* 1985, 91 n.º 81) e

das intervenções efectuadas na plataforma inferior do povoado, a Cerca do Adro. Os dados arqueológicos existentes permitem reconhecer este período como o de maior volume demográfico do povoado, estendendo-se pelas plataformas do Cerro do Forte e Cerca do Adro, alcançando uma área intra-muros de cerca de 3 hc, apesar de algumas propostas que estimam essa área em 6 hc (Correia, 1996, 1999), em consonância para a área estimada da maioria dos povoados conhecidos deste período (Berrocal Rangel, 1992) e de acordo com as hipóteses inicialmente propostas por Caetano Beirão e seus colaboradores (1985).



Fig. 28 - Garvão. Vestígios da Idade do Ferro.

Fig. 7: Vestígios da Idade do Ferro, povoado de Garvão.

Após interregno, os trabalhos de escavação na Cerca do Adro são retomados em 2002/03, escavando-se o interior do compartimento, adossado à muralha detectada na campanha de 2000, de cronologia pré-romana.

A campanha de escavação teve a duração de cinco meses e foi efectuada por 3 pessoas, à excepção dos momentos em que equipa foi reforçada com a presença de colegas e amigos, que desde o início, de uma forma ou de outra se encontraram ligados ao projecto. Esta campanha permitiu apurar a construção simultânea de uma estrutura defensiva e de três edifícios adossados a esta, com entrada a Norte para um espaço de circulação, rua, que parece ordenar o espaço nesta zona. O conjunto escavado, constituído pelos três edifícios é aberto a um eixo de circulação orientado Este-Oeste, com o acesso ao interior dos edifícios, aberto a Norte a um espaço de circulação parcialmente escavado. O limite sul dos três edifícios, o pano de muralha do povoado, servia de parede traseira. Os três edifícios possuíam ainda paredes medianeiras comuns, articulando-se como um todo. Os dados indicam que estes edifícios escavados, interpretados como habitações e um possível espaço

de trabalho de metais, são sincrónicos da construção do recinto defensivo do povoado, materializado no pano de muralha já referido. Quer as soluções técnicas e construtivas empregues, bem como os materiais exumados demonstram o planeamento prévio e sincrónico da construção dos distintos elementos.

O intervalo temporal desta intervenção «urbanística» é balizado em torno ao séc. IV a. C e século II a. C, baseando-se as «barreiras temporais» impostas na recolha nas camadas de regularização e preparação do espaço de um fragmento de cerâmica ática decorado com figuras vermelhas e o século II a.C na recolha em um estrato de ocupação (piso) de um fragmento de prato de Campaniense A de forma indeterminada. O momento final do seu abandono é difícil de destrinçar, todavia sabemos que o eixo de circulação, rua, para o qual abrem as construções, é anulado enquanto espaço de circulação em época imperial em meados do século I-II d. C (Drag.24), momento em que é construído um forno cerâmico no eixo da via. Saliente-se que no interior do edifício escavado não se registaram quaisquer níveis que pudessem indicar que a sua ocupação se prolongaria para lá do século II-I a.C.

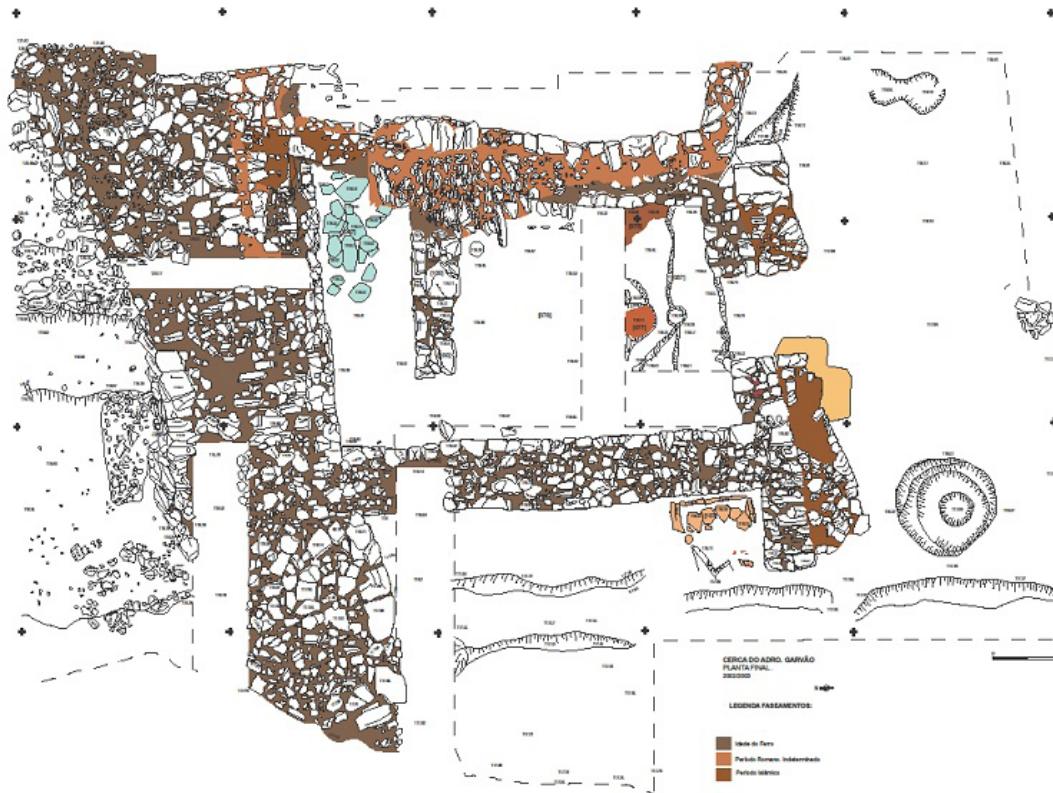


Fig. 5 - Cerca do Adro. Planta Geral.

Fig. 8: Planta Cerca do Adro

Da escavação destaca-se o único edifício escavado na totalidade, interpretado como habitação (NUNES DA PONTE, 2003) de planta aproximadamente trapezoidal com as seguintes dimensões: 8 x de comprimento por 4 m de largura, no interior da qual se escavou uma curiosa sequência localizada, válida apenas para o interior deste espaço, relacionada com a diversidade de estruturas criadas e com a constante remodelação do espaço interior: uma verdadeira micro-estratigrafia. Realce-se ainda a confirmação da existência de um segundo piso na habitação ou de um terraço, corporizado na presença de uma escada no exterior da habitação, adossada á parede de limite Norte da habitação. A presença de dois pisos poderá estar relacionada quer com as condições topográficas do local, quer com o espaço disponível para construir, solucionando-se assim o problema da ampliação do espaço habitável (BONET, GUÉRIN, 1995: 90). A existência de um segundo piso nesta habitação, poderá explicar ainda a robustez dos muros medianeiros entre os distintos edifícios identificados u.e.s [108 e 118], bem como a altura atingida pela alvenaria do

embasamento em pedra na parede divisória dos edifícios I e III: 1,50 m, solução técnica construtiva utilizada à semelhança do verificado em outros povoados deste período no mundo ibérico (BONET, GUÉRIN, 1995: 90) ou para cronologias posteriores, a nível regional, no povoado vizinho da Mesa de Castelinhos, (Almôdovar), parecem também existir evidências da presença de um segundo piso, em alguns sectores (FABIÃO, 1998: 313), respectivamente no sector A-2, ambiente III em níveis de cronologia pre-romanos (Idem). Neste arqueossítio a altura conservada das construções, em alguns casos mais de 2 m, bem como o volume dos seus derrubos e algumas peculiaridades estruturais, sugerem, aos responsáveis pela intervenção, a existência de um piso superior construído em terra (FABIÃO, 1998: 314). A habitação de planta trapezoidal (designada de edifício I) permitiu apreender 3 fases distintas de remodelação do espaço interno, intervaladas por sucessão rápida e breve de momentos de reformulação dos pavimentos e solos de habitação. Essas três «grandes» fases concretizam-se na reformulação e sobreposição de uma lareira, sempre

no mesmo local, no eixo central da habitação, podendo ser acompanhada de outras remodelações internas, destacando-se a da anulação de um compartimento que funcionaria como área de armazenagem (fases I e II), no lugar mais interior da habitação, na fase final de funcionamento do espaço- fase III. Por outro lado, no que diz respeito ao faseamento construtivo proposto para esta habitação, este foi complementado com o registo de uma sucessão rápida e fugaz de momentos de utilização e reutilização do espaço, manifestada na sobreposição de solos e pavimentos construídos em terra batida, intercalados por níveis de cinzas, indicando um processo rápido de sedimentação, confirmado por uma relativa indiferenciação cronológica do espólio recolhido. Saliente-se que muitas vezes dadas as características de formação destes depósitos, tornou-se extremamente complicado, por vezes mesmo impossível distinguir estes momentos de utilização e reutilização de carácter fugaz.

No conjunto estudado, a nível técnico, observe-se a inexistência de valas de fundação, apoiando-se as estruturas no substrato rochoso, brando, previamente regularizado e nivelado, de forma a constituir uma superfície uniforme para assentamento das paredes. Por vezes, em locais de maior pendente ou irregulares, de forma a constituir uma superfície uniforme de assentamento, essas irregularidades foram colmatadas, com níveis argilosos e de pedra desagregada, níveis esses designados por alguns autores como estruturas bastidores (ESTEBAN ORTEGA, 1993). Por outro lado, estes níveis argilosos poderão ter contribuído para isolar os edifícios das capilaridades oriundas do solo.

A análise da primeira fase em planta, mostra o espaço compartimentado em dois ambientes por uma parede com embasamento em pedra e tijolos de adobe, dos quais se recolheram vestígios nas camadas de nivelamento posteriores à utilização daquele espaço enquanto habitação. O segundo ambiente localiza-se no espaço mais resguardado da habitação delimitado a Sul pelo pano de muralha e pelo muro atrás referido. Como particularidade, refira-se em toda a estratigrafia foi o único sítio da residência onde o pavimento era lajeado, ainda que bastante irregular, configurando um espaço com aproximadamente 3,80-4 m de comprimento e apenas 1,40 de largura.

Na restante área os solos eram construídos em terra batida, por vezes com um leve revestimento de argila, intercalando-se com níveis de cinzas e carvões,

associam-se, ainda, à presença frequente de lareiras, por vezes simples manchas de argila, cozidas pela acção do fogo. A existência de uma ou mais lareiras em uma mesma habitação é frequente neste tipo de contextos podendo aparecer ambas as lareiras sobre um mesmo piso ou podendo surgir lareiras em níveis distintos, neste caso motivadas por uma reformulação do solo, colocando simplesmente uma nova camada de terra, com que se cobrem as antigas lareiras, acendendo-se então outras, por vezes em zonas distintas (IZQUIERDO BENITO, 1990: 151). É ainda frequente a presença de lareiras formadas simplesmente por uma capa de argila sem delimitação por pedras, cozidas pela acção do fogo efectuado sobre ela. Este tipo de lareiras documenta-se amplamente pela sua simplicidade em jazidas como *Los Castillejos 2* (ESTEBAN ORTEGA, SALAS MARTIN, 1991:132) *Capote* (BERROCAL RANGEL, 1989: 262); *El Castañuelo* (DEL AMO Y DE LA HERA, 1978: 310); *Belén* (RODRÍGUEZ DÍAZ, 1989) podendo ter forma oval ou tendente ao círculo e apresentar várias camadas de cinzas e depósitos orgânicos, consequência das suas múltiplas reutilizações. Geralmente são lareiras tão multifuncionais como simples, cujas utilizações mais importantes se relacionavam com actividades de culinária e de calefação (BERROCAL RANGEL, 1992: 175).

Neste primeiro momento no centro da habitação destacava-se uma lareira em covacho, de contornos ovalados, escavada no substrato xistoso. Articulados com este momento de funcionamento destacam-se três buracos de poste, alinhados ao longo do eixo maior do compartimento 1, encontrando-se um deles, associado a um pavimento em barro do interior do compartimento 1 (u.e. [075]). Não resultou claro, no decurso da escavação a que fase de ocupação poderiam ter correspondido os buracos de poste, uma vez que a parcial sobreposição que houve entre as duas construções, torna válido para ambos, a observação de que os ditos se encontravam alinhados no eixo maior do espaço construído. O momento de construção e o primeiro momento de ocupação desta habitação são balizados pela cerâmica ática já referida, recolhida na camada de regularização e nivelação da superfície de instalação, e por outro lado, pela recolha, sobre o primeiro nível de pavimento de funcionamento daquele espaço (edifício I) de um vaso de cozinha, de fabrico manual, inserido na Forma I, Variante D de *Capote*, datado neste arqueossítio dos séculos IV-III a. C (BERROCAL RANGEL, 1994: 153).

A segunda fase é marcada pela construção de uma segunda lareira, sobre a anterior de tipologia distinta. Para a construção desta segunda lareira intercalaram camadas refractárias de xisto, quartzo e fragmentos cerâmicos, rodeados por cintura de barro revestida com argila.

A terceira fase é marcada por nova reformulação na lareira central, desta vez sendo simplesmente constituída

por uma mancha de argila de forma circular, mais uma vez associada a distintos níveis de sedimento, possíveis pisos de circulação e ocupação.

Os dados indicam que os edifícios escavados são sincrónicos da construção do recinto defensivo do povoado, materializado no pano de muralha escavado na Cerca do Adro.

PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO DO POVOADO PRÉ-ROMANO

Neste momento a grande questão que se coloca é a de que tipo de urbanismo configura o conjunto escavado na Cerca do Adro? Povoado fechado, adossando-se as construções à muralha, configurando um recinto central ou serão unidades domésticas ordenadas em conjunto por vias de traçado tendencialmente ortogonal?

Em relação à muralha, da qual foi posto a descoberto um tramo com 9 m de comprimento por 2,80 m de largura, os dados existentes, carecendo ainda de um programa de sondagens específico, destinado a confirmar ou não as suspeitas de implantação do seu traçado, parecem apontar que a cerca rodeando as duas plataformas, alcançaria uma área intra-muros de cerca de 2, 5-3 hc, em consonância com as propostas de Caetano Beirão e seus colaboradores (Beirão, et all. 1985). À semelhança do detectado em outros povoados fortificados da região (FABIÃO, 1998: 277) o amuralhado circunscreve duas plataformas, marcadas, por taludes na superfície do terreno. Na Cerca do Adro, paralela à depressão natural conhecida como «Furadoiro», onde é visível à superfície do terreno um extenso talude no prolongamento da u.e. [028] e que corresponde a um tramo da muralha, a estrutura define um extenso perímetro amuralhado, englobando a área onde se implanta actualmente a igreja matriz de Garvão. Da Cerca do Adro dois traçados são verosímeis: acompanhar o desnível de terreno em direcção a Noroeste, fronteiro à Igreja matriz, no local actualmente existe uma linha de casas e construções modernas (não tão acentuado como o desnível anteriormente mencionado) ou então, orientar-se-ia em direcção à Ribeira de Garvão assegurando, em caso de cerco, o abastecimento de água ao povoado. A hipótese do traçado da muralha englobar a zona nas margens da Ribeira é verosímil; no entanto o facto de esta área se encontrar ao nível da cota de cheias levava a rejeitar, pelo menos no estádio actual dos nossos conhecimentos ou até evidência física em contrário, este

eventual traçado para a muralha da Idade do Ferro. Em face dos (escassos) dados disponíveis pensamos que a muralha de acordo com a primeira hipótese proposta do traçado se dirigiria, acompanhando as curvas de nível do terreno, ao terraço onde se implanta a «favissa» de Garvão, na Rua do Castelo. O terraço ou melhor plataforma escolhido para implantação do depósito votivo, (de matriz artificial), em relação ao arruamento inferior paralelo, possui um desnível de 8 m, devido a orografia natural do relevo, que seria acentuada pela presença de um dispositivo amuralhado que poderia muito bem ter existido neste local, sob o talude. Nesta zona o traçado acompanharia o arruamento da rua do Castelo, inflectindo em direcção a Norte seguindo o traçado da rua actual e circundando o cerro a Oeste aproximadamente à curva de nível com a cota 127 m. Eventualmente na vertente Oeste do espigão, de relevo abrupto e acidentado sobre a Ribeira das Pimentas, poderia incorporar troços de afloramento no tramo amuralhado, solução muito comum em povoados amuralhados da Estremadura espanhola deste período. A abertura da ladeira do Padre em época Moderna veio perturbar o entendimento de como se processaria a ligação da muralha que postulamos existir no Cerro do Forte com a (s) muralha (s) existente na Cerca do Adro. Porém a sobreposição das paredes Oeste e Norte do cemitério Contemporâneo, na Cerca do Adro ao actual talude, paralelo ao Furadoiro, poderá confirmar a hipótese da conservação e orientação estrutura defensiva, neste local de acordo com o sentido preconizado. A Este a hipótese de implantação do traçado da muralha foi determinada por dois factores: a topografia do terreno, marcada por um acentuado desnível fronteiro ao depósito votivo (8 m), o qual conjugada com a muralha ou qualquer outro dispositivo complementar de defesa tornaria aquela vertente do povoado inexpugnável; em segundo lugar via a realização de uma sondagem em

rua paralela, mas a cota inferior à rua do Castelo, na Rua da Oliveira, no interior de uma habitação particular, no âmbito de intervenções de carácter preventivo no centro histórico de Garvão. Com toda a certeza, podemos afirmar que nesta sondagem, em qualquer dos seus estratos, mesmo os de entulho e preparação para assentamento dos pisos contemporâneos, quer em contextos de utilização secundária, quer em contextos de utilização primária, não se detectou qualquer evidência deste período, apesar de estarem bem representados outros períodos designadamente o romano, islâmico ou medieval-moderno (Nunes da Ponte, 2001). A

ausência de materiais atribuídos ao período indicado, unida ao desnível existente entre a rua do Castelo e a Rua da Oliveira, (ainda que este se esbata à medida que avançamos em direcção a Noroeste), associada à existência do depósito votivo ao nível de esta plataforma, aparentemente em área não construída (já sublinhado por Carlos Fabião, 1998: 66) e de acordo com anteriormente constado por Virgílio Hipólito Correia (1996: 102) levam-nos a encarar a hipótese de o traçado proposto ser o mais aceitável, esperando que futuras intervenções contribuam para o esclarecimento desta questão.

BALANÇO E PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO

Sabemos que o local continuou a ser ocupado no período romano até ao Baixo-Império, todavia as suas características permanecem um enigma à espera de ser decifrado. A questão da assimilação do oppidum de Garvão ao *oppidum stipendiarium* das fontes clássicas de *Arandis-Aranni*, continua ainda em aberto. Apesar das propostas recentes que parecem apontar a sua localização na área de Almodôvar, em Santa Barbara de Padrões (Maia, Maia 2000; Bernardes 2006), preferimos seguir as propostas de Jorge de Alarcão (1985, 1998, 2005) e Amílcar Guerra (1999) que defendem a localização deste *oppidum* na zona de Ourique. Dificultando a confirmação da existência de uma *civitas* nesta área, sublinhe-se a inexistência de epigrafia honorífica ou indiciadora da existência de magistrados, aliada às especificidades epigráficas e características físicas dos monumentos epigráficos que mantêm em época romana, tradições da Idade do Ferro (Alarcão 1985, 104; Encarnação 1984). Os dados das intervenções em Garvão revelam contudo uma pujante ocupação do período Republicano do sítio materializada em torno dos séculos II e I a. C traduzida na abundância de importações de produções cerâmicas típicas deste momento. No entanto, esta identificação esbarra na ausência de estruturas monumentais de carácter urbano, apesar da notícia da recolha nas margens da Ribeira de Garvão de duas colunas de época romana que indiciariam a presença de uma estrutura templar no topo do cerro (Beirão *et all.* 1985; Correia 1996). De salientar a recolha na *villa*, (vizinha de Garvão), dos Franciscos, já referenciada por José Leite de Vasconcellos em 1908, de um busto em mármore, de Agripina Menor (Vasconcellos 1908: 352), hoje em dia no Museu Regional Rainha Dona

Leonor, em Beja, podendo esta jazida, à semelhança do que sucedeu com Ossonoba (elevada a *municipium*, muito provavelmente na época de Cláudio) e a *villa* romana de Milreu, ser interpretada como a residência de algum magistrado local, certamente com ligações à família imperial, mais do que habitação rural de qualquer cidadão da *civitas* de Garvão (Alarcão 1985, 106).

Por outro lado importa alargar área de escavação, quer no Cerro do Forte, quer na Cerca do Adro, de forma a definir as realidades arqueológicas de períodos posteriores à Idade do Ferro, aí detectadas. Para tal será necessário um novo equacionar dos pressupostos iniciais das intervenções em Garvão e a existência de financiamentos sustentáveis de forma a permitir alargar o projecto em uma vertente multidisciplinar com especialistas de várias áreas. Tal não se afigura impossível bastando observar o efectuado pela equipa responsável pelo projecto Outeiro do Circo que com parcos meios realiza um trabalho de investigação sério, de louvar ou a equipa do projecto Estela.

No que diz respeito à muralha islâmica do Cerro do Forte, importa compreender a planta da fortificação Almóada, bem como tentar averiguar se o amuralhamento desta zona se efectuou neste momento ou se já existia uma fortificação anterior, agora reformulada. Por outro lado em termos de hierarquia de povoamento e tipologia de assentamento em que categoria inserir o povoado de Garvão neste período: Alcaria fortificada? *Hisn*?

Na Cerca do Adro importa definir e escavar em área as habitações islâmicas que se prolongam em direcção ao limite Oeste da área escavada, sobrepostas às estruturas da Idade do Ferro. É ainda necessário retomar a sondagem do Cerro do Cemitério e afinar cronologias,

quer no que diz respeito à necrópole moderna, quer ao tramo de muralha aí descoberto em 1996, cujo paramento interno foi rompido e utilizado como espaço de enterramento.

Na tentativa de esclarecer e aprofundar estas questões foi aprovado pelo IGESPAR e pela Direcção Regional de Cultura do Alentejo o novo projecto: «Estudo da Ocupação Pré-Romana do povoado de Garvão com a duração de 4 anos, coordenado pela arqueóloga Teresa Ricou Nunes da Ponte.

O projecto abre novas perspectivas para a continuação dos trabalhos, no local, e para a continuação dos trabalhos de divulgação dos resultados obtidos ao longo de tantos anos de trabalho, de forma a cativar a atenção e atrair um fluxo turístico, para uma das zonas interiores mais deprimidas do país, procurando criar um projecto integrado, que só será viável se articulado com outras instituições, que se espera desejem colaborar em sã camaradagem e profícuo dialogo com o projecto em questão.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1985) - Sobre a Romanização do Alentejo e Algarve. A propósito de uma obra de José d' Encarnação. *Arqueologia*, 11. Porto: GEAP.
- ALARCÃO, J. (1987) - A Cidade Romana em Portugal, a Formação de «Lugares centrais» em Portugal, da Idade do Ferro à Romanização. In *Cidades e História*, Ciclo de conferências promovido pela Sociedade de Belas Artes em Novembro de 1987. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ALARCÃO, J. (1990) - Identificação das cidades da Lusitânia. In *Les Villes de Lusitanie Romaine: hiérarchies et territoires. Table Ronde internationale du CNRS (Talence, le 8-9 décembre 1988)*. Paris: Centre National de la Recherche Científique, (Collection de la Maison des Pays Ibériques, 42).
- ANTUNES, M.T. (1995) - Restos de Animais da Estação Arqueológica de Garvão (séc. III a. C.). In *Estudos de Arte e História. Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*. Lisboa: Ed. Veja
- ARRUDA, A. M (2000) - Fenícios e Mundo Indígena no Centro e Sul de Portugal (séc. VIII-VI a. C): em torno às histórias possíveis. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, Edição policopiada.
- ARRUDA, A. M (2006) - O primeiro milénio a.n.e. no Centro e Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- BEIRÃO, C.M.; (1986) - *Une Civilization Protohistorique du sud du Portugal*. Paris: Ed. Du Boccard.
- BEIRÃO, C.M. ; CORREIA, V.H - (1993) Novos Dados Arqueológicos sobre a área de Fernão Vaz. *Homenagem a José Maria Blasquez*, I (Mangas Y Alvar eds.).
- BEIRÃO, C.M. ; CORREIA, V.H - (1995) A II Idade do Ferro no Sul de Portugal: O estado actual dos nossos conhecimentos. *Actas do XXI Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. III. Zaragoza: Diputación Provincial de Aragón.
- BEIRÃO, C.M. ; GOMES, M.V. (1980) - *A primeira Idade do Ferro no Sul de Portugal. Epigrafia e Cultura*. Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Lisboa
- BEIRÃO, C.M.; GOMES, M.V (1985) - Grafitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal. *Actas del III Colóquio sobre Lenguas e Culturas Paleohispanicas* (Lisboa, 1980). Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca.
- BEIRÃO, C.M.; TAVARES, C.; SOARES, J.; GOMES, M.V.; GOMES, R.V.
- (1985) - Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*, 3: 45-136. Lisboa. Museu Nacional de Arqueologia.
- BEIRÃO, C.M. ; GOMES, M.V (1987) - Um depósito votivo da II Idade do Ferro, no sul de Portugal, e as suas relações com a cultura da Meseta. *Veleia, Nova Série 2-3. Actas del IV Colóquio Sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*. Vitoria\ Gasteiz.
- BERROCAL RANGEL, L. (1992)- *Los Pueblos Céltico(1992) Los Pueblos Célticos Del Suroeste De La Península Ibérica*. Madrid: Editorial Complutense.
- BERROCAL RANGEL, L. (1994a)- *El Oppidum de Badajoz. Ocupaciones Prehistóricas en la Alcazaba*. In *Almagro Gorbea, M.; Martin, A.M. ed. Castros y Oppida en Extremadura. Complutum Extra*, 4. Madrid: Editorial Complutense.
- BERROCAL RANGEL, L. (1994 b) - *El altar prerromano de Capote*. *Ensayo Etno-Arqueológico de um Ritual Céltico en el Suroeste Peninsular*. Madrid: UAM.

V ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR

- BERROCAL RANGEL, L. (1994 c) - *Oppida y Castros de la Beturia Céltica*. In Almagro Gorbea, M.; Martin, A.M. ed. *Castros y Oppida en Extremadura*. *Complutum Extra*, 4. Madrid: Editorial Complutense.
- CORREIA, S.H. (1998)- Relatório da Intervenção Arqueológica efectuada na Cerca do Adro em Garvão, Ourique. Edição Policopiada apresentada ao Instituto Português de Arqueologia.
- CORREIA, V.H (1995 a) - *The Iron Age in Central Portugal and the emergence of urban centres*. In Cunliffe, B.; Keay, S. (ed.) *The Early Urbanization in Ibéria*. Oxford: University Press.
- CORREIA, V.H (1995b) - *A Transição entre o período orientalizante e a Idade do Ferro na Béturia Ocidental (Portugal)*. *Cuadernos Emeritenses*, 9 *Celtas y Turulos*. Mérida. Museo Nacional de Arte Romano.
- CORREIA, V.H (1996a) - *Os Povoados da Iª Idade do Ferro do Sul de Portugal*. In ALARCÃO, (dir). *De Ulisses a Viriato, O Primeiro Milénio a. C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- CORREIA, V.H (1996b) - *O sítio arqueológico de Garvão e o seu depósito ritual*. In, Alarcão, (dir) *De Ulisses a Viriato, O Primeiro Milénio a. C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- FABIÃO, C. (1998) - *O Mundo Indígena e a Sua Romanização na Área Céltica do Território Hoje Português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ed. Policopiada
- FERNANDES, T. M.; (1986) - *O crânio de Garvão (século III a.C.): análise antropológica*. Trabalhos de Arqueologia do Sul, 1, Lisboa: IPPC.
- A cerâmica de engobe vermelho do Castelo de Castro Marim. Vera Teixeira de Freitas Produção, consumo e comércio na Idade do Ferro Orientalizante Pen
- MATALOTO, R. (2004) - *Um Monte Da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: Ruralidade e Povoamento no I.º Milénio a.C do Alentejo Central*. Lisboa: Ed. Policopiada de dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- NUNES Da PONTE, T. R. (2000) – *Cerâmicas Áticas de Garvão (Ourique): Dois Novos Fragmentos*. *Arquivo de Beja*, vol. XIII, Série III.
- SOARES, A. M. M., *Os Povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos*, Revista Portuguesa de Arqueologia 8, nº1, Lisboa (2005), 111-145.
- VIANA, A. (1960) - *Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo: Senhora da Cola*. *Arquivo de Beja*, 17, p. 138-231.